



Figura 6. Criatório de abelhas sem ferrão.

Entretanto, para que a meliponicultura auxilie a preservação da espécie, é necessário que a obtenção das colônias seja realizada com a utilização de ninhos-isca ou outros métodos não destrutivos.

É importante também que as colônias não sejam criadas fora de sua região geográfica de ocorrência natural, pois elas podem não se adaptar às novas condições ambientais e morrer.

O criatório racional deve seguir a Resolução N° 346 de 6 de julho de 2004 do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente) e Instrução Normativa n° 169 de 20 de fevereiro de 2008 do IBAMA.

Equipe técnica

Fábia de Mello Pereira
fabia@cpamn.embrapa.br

Maria Teresa do Rêgo Lopes
mteresa@cpamn.embrapa.br

Bruno Almeida Souza
bruno@cpamn.embrapa.br

Apoio



Solicitação deste documento deve ser feita à:



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio-Norte
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Av. Duque de Caxias, 5650, Bairro Buenos Aires
Caixa Postal 01 - 64006-220 - Teresina, PI
Fone: (86) 3089-9100 - Fax: (86) 3089-9130
www.cpamn.embrapa.br

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



Tiragem: 1.000 exemplares
Teresina, PI - Dezembro/2010

Meliponicultura



Foto: Fábia de Mello Pereira

**Uma alternativa para salvar
as abelhas sem ferrão**



Meio-Norte

Meliponicultura, uma alternativa para salvar as abelhas sem ferrão

As abelhas sem ferrão (Figura 1), também conhecidas como abelhas indígenas, eram criadas pelas civilizações inca, asteca, maia e, no Brasil, pelos índios.

Estima-se existir no Brasil mais de 300 espécies dessas abelhas, que têm grande variedade de tamanho, cor, hábitos de nidificação e potencial produtivo. Uma característica comum a todas elas é o ferrão atrofiado.



Foto: Fábria de Mello Pereira

Figura 1. Operária de tiúba *Melipona compressipes* na entrada do ninho.

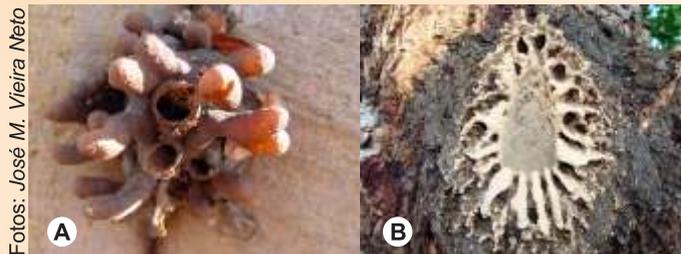
Essas abelhas são sociais e seus ninhos são, em geral, construídos em ocos de árvores, ninhos abandonados de cupins e formigas, etc. Algumas espécies constroem ninhos expostos (Figura 2).



Foto: Fábria de Mello Pereira

Figura 2. Ninho exposto de arapuá *Trigona* sp.

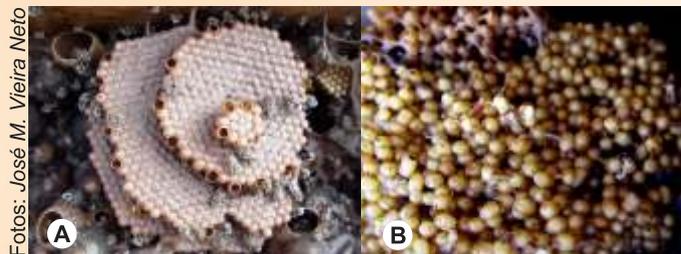
A entrada dos ninhos é característica de cada espécie e auxilia sua identificação (Figura 3).



Fotos: José M. Vieira Neto

Figura 3. Entrada de ninho de *Lestrimelitta* sp. (A) e *Partamona* sp. (B)

As células de crias são organizadas em discos dispostos de forma horizontal, helicoidais ou em cachos localizados no centro do ninho (Figura 4).



Fotos: José M. Vieira Neto

Figura 4. Células de cria organizadas em disco (A) e em cachos (B).

O alimento é armazenado em potes de cera construídos e dispostos ao redor da área de cria (Figura 5). A população varia entre 100 e 100.000 indivíduos, de acordo com a espécie.



Foto: José M. Vieira Neto

Figura 5. Potes de alimento em colônias de jandaíra *Melipona subnitida*.

Responsáveis pela polinização de grande parte das plantas nativas, essas abelhas têm um papel fundamental na preservação ambiental. Entretanto, a degradação dos ecossistemas está colocando-as em risco de extinção.

A criação racional das abelhas indígenas (conhecida como meliponicultura) vem demonstrando ser uma excelente alternativa de geração de renda para populações tradicionais e uma forma de auxiliar a preservação das espécies (Figura 6).

Além do mel, outros subprodutos das abelhas sem ferrão, como o geoprópolis, o pólen e a cera, apresentam grande potencial como alternativas para auxiliar o sustento em pequenas propriedades rurais.